
A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE ENQUANTO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO

Maria da Conceição Batista Correia, Mestre em Ciências da Educação, Doutoranda em Enfermagem na Universidade de Lisboa, Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Beja

Na Observação participante, enquanto técnica utilizado em investigação, há que realçar que os seus objectivos vão muito além da pormenorizada descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento (Spradley, 1980).

Com este artigo, pretendemos elaborar uma reflexão sustentada na informação recolhida na obra de diversos autores, que se têm questionado sobre a utilização de observação participante em investigação, com larga aplicação nos estudos de natureza qualitativa e nestes, particularmente nos etnográficos.

Procuramos igualmente dar a conhecer alguns aspectos, resultantes da nossa experiência com a utilização deste método, dado que se constituiu como meio fundamental na colheita de dados, para o estudo que estamos a desenvolver. Consideramos que a experiência adquirida com a utilização da observação participante e a partilha de questões e das reflexões resultantes da sua aplicação, poderão constituir pontos de interesse, para outros utilizadores.

Palavras Chave: Observação participante, investigação qualitativa

Participant Observation, as a research technique, allows us to go far beyond the detailed description of the components of a situation, allowing the identification of the way, orientation and dynamic of each situation (Spradley, 1980).

With this article, we intend to reunite information from different authors, which have questioned and clarified the use of participant observation as a research method or technique, with a wide application in qualitative naturalistic studies and within these particularly in ethnographic ones.

We believe that the experience acquired with the application of the participative observation as the main method in the study that we are developing, the difficulties and wins obtained, as well as the sharing of the questioning and of the reflections in the diverse situations may constitute points of interest.

Keywords: Participant observation; qualitative research

A OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA: pressupostos e objetivo

“Ponderar sistematicamente a cultura, é uma tarefa difícil, mas entendê-la intuitivamente pode tornar-se relativamente acessível” (Hatano e Miyake:1991).

NA PROCURA DO CONCEITO

Encontram-se relatos de estudos levados a cabo com recurso a Observação participante desde o início do século passado. Malinowski, foi pioneiro no seu uso, ganhando grande projecção o seu estudo com argonautas no pacífico oeste. Foi no entanto um método quase abandonado, durante algumas décadas em que a supremacia do paradigma positivista veio pôr em causa a fiabilidade deste conhecimento.

Ultrapassado esse tempo, hoje tem lugar a sua larga aplicação e pela análise da literatura consultada constata-se que há uma diversidade de termos e formas ou modos de classificação para a Observação Participante, que pode dificultar a sua sistematização. É uma técnica de eleição para o investigador que visa compreender as pessoas e as suas actividades no contexto da acção, podendo reunir na Observação Participante, uma técnica de excelência que lhe permite uma análise indutiva e compreensiva.

A Observação Participante é realizada em contacto directo, frequente e prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjectivas para que possa haver a compreensão de factos e de interacções entre sujeitos em observação, no seu contexto. É por isso desejável que o investigador possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica.

Podemos considerar que a Observação constitui uma técnica de investigação, que usualmente se complementa com a entrevista semi-estruturada ou livre, embora também com outras técnicas como análise documental, se bem que a mesma possa ser aplicada de modo exclusivo. Para a sua utilização como procedimento científico, é preciso que estejam reunidos critérios, tais como o responder a objectivos prévios, ser planeada de modo sistemático, sujeita a validação e verificação, precisão e controle.

De acordo com Spradley (1980), na abordagem por “Observação participante” há que realçar que os objectivos vão muito além da mera descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento. Face à intersubjectividade presente em cada momento, a observação em situação permite e facilita a apreensão do real, uma vez que estejam reunidos aspectos essenciais em campo.

Bogdan e Taylor (1975) definiram *Observação participante* como uma investigação caracterizada por interacções sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada.

A expressão “Observação Participante” tende ainda, de acordo com Lapassade (2001), a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este e se continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação. Pode conjugar o estatuto de investigador/observador, mesmo que seja conhecido por uma parte do grupo, sendo que este trabalho de campo continua em cada momento/“tempo” de presença e até que o investigador o abandona depois de uma estadia mais ou menos longa.

PAPEL DO OBSERVADOR

“Our stereotypes of cultures and social classes and our likes and dislikes in values limit our perceptions and create blocks” (Meleis, 1991:60).

A observação participante é dinâmica e envolvente e o investigador é simultaneamente instrumento na recolha de dados e na sua interpretação, como já afirmámos.

Na realidade, é essencial que o observador esteja consciente dos estereótipos culturais e possa desenvolver a sua capacidade de introspecção, que para Spradley (1980:57), “pode não parecer objectiva,

mas é uma ferramenta que todos usamos para compreender novas situações”, quando queremos compreender o significado das acções e interacções de um grupo de participantes num determinado contexto em estudo.

Leininger (1985) refere-se á necessidade do etnógrafo saber estar com as pessoas em campo e consigo mesmo, despojado de preconceitos e capaz de desenvolver um novo olhar sobre os participantes, sem o prévio rótulo de certo ou errado. Considera que o processo sistemático de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar os padrões específicos de uma cultura ou sub-cultura, é essencial para a compreensão dessa mesma cultura.

Leininger (1991:93) desenvolveu, entre outros, um modelo O-P-R, observação, participação e reflexão, que veio aprimorando desde 1960 e que se desenvolve em quatro fases: observação inicial, observação inicial com alguma participação, participação com alguma observação e observação reflexiva

Spradley (1980:53) alerta para a necessidade do investigador começar por se familiarizar com o papel de Observador e compreender os diferentes tipos de participação possíveis. Nestes diferentes tipos de participação que Spradley (1980:58) propõe com diferentes níveis de compromisso e envolvimento do investigador, este poderá ir de um baixo nível de envolvimento até ao mais elevado, com uma participação de nula ou baixa até um nível que progride de passivo a moderado, activo ou completo.

A observação vai evoluindo de uma fase mais descritiva no início, em que o investigador procura obter uma perspectiva geral dos aspectos sociais, das interacções e do que acontece em campo, a que se seguirão momentos de observação focalizada, após a análise dos dados anteriormente recolhidos, em que começa a ter como foco determinadas situações e/ou acontecimentos. Por último, a observação selectiva, depois de repetidas observações em campo, já no decurso da elaboração do relatório. São o “refinar” da observação, implicando regressar ao campo, na procura de diferenças entre categorias específicas já identificadas.

Pensamos que, de acordo com o desenho do estudo, a observação poderá ser mais estruturada se utiliza um guião orientador, cujos itens foram definidos previamente, considerando os objectivos do estudo. Este guião poderá ser um auxiliar precioso, que previne a dispersão ou avidez do observador, redireccionando-o para o objectivo de estudo, embora possa ser considerada restritiva, relativamente á atitude sensitiva do investigador e por comparação com uma observação mais livre, não estruturada, se bem que suportada em objectivos, mas em que o investigador vai para o campo sem roteiro prévio.

De referir ainda, Lapassade (2001) que considera três tipos de *Observação Participante*. O primeiro, que designou por *Observação Participante periférica*, em que o observador tem um certo grau de implicação no grupo, mas não tanta que possa bloquear a sua capacidade de análise. Já no segundo, *Observação com participação activa*, que é referida por vários autores como “*tendo um pé dentro e outro fora*”, é adoptada por grande número de investigadores, pois faculta que obtenha um estatuto que lhe permite participar em todas as actividades, mantendo uma certa distanciação. No terceiro tipo, *Observação participante total ou completa*, controverso na sua aplicação é segundo o autor, indicado em estudos etnometodológicos ou nalguns estudos em contexto de investigação-acção, embora não seja pacífica esta abordagem.

Segundo nos propõe Spradley (1980:33), a Observação participante permite-nos observar as actividades das pessoas, as características físicas da situação do ponto de vista social e o que nos faz sentir o facto de fazermos parte integrante daquela realidade.

Durante o trabalho de campo, qualquer que ele seja, durante um ano ou alguns meses, os tipos de observação a realizar variarão. Inicia-se com *observações descritivas*, em que o observador vai procurar ganhar uma “vista global” do que ali acontece; depois desta etapa e analisados os primeiros dados, dará início a *observações focalizadas*, e finalmente, depois de retornar ao campo, voltar a novas observações e análise das notas de campo, definirá a necessidade de *observações selectivas*.

Estes três tipos de observação, classificada como *descritiva, focalizada ou selectiva*, não são contudo sequenciais pois há medida que as observações se realizam e a análise ocorre concomitantemente, poderemos continuar a desenvolver observações descritivas até quase ao final da permanência em campo.

Relacionado com o tipo de registos há verdadeiras diferenças, entre o que Spradley (1980:69) designa de “registo condensado”, constituído de frases chave de acontecimentos importantes, anotações quase codificadas e que possibilitam posteriormente o “registo expandido”, onde as palavras ou frases-chave permitem expandir o registo. Estes registos deverão ter presente a complexidade linguística que pode surgir em cada situação, não devendo ceder á tendência em traduzir ou simplificar” de acordo com

os três princípios que o autor propõe: princípio da identificação da linguagem, princípio do verbalismo e princípio do concreto (p65).

PONTOS DE REFLEXÃO

De acordo com Leininger (1985:14) a metodologia qualitativa “ênfata a qualidade enquanto natureza, essência, significado e atributos”, colocando a sua ênfase na interpretação individual da realidade, o que se nos afigura como consistente com a problemática e objectivos do nosso estudo. Escolhemos por isso uma técnica que nos permite estar no “terreno”, nos contextos de acção e aí realizar observação.

A presença visível do observador, como sempre acontece na forma participativa, poderá trazer inconvenientes, em resultado de algum constrangimento que a sua presença possa levar aos observados, participantes do estudo. De algum modo, na perspectiva de alguns autores (Albarello, et al 1997; Mulhal,2002) este poderá ser um aspecto que afecta a qualidade dos dados, uma vez que a presença do investigador poderá comprometer a espontaneidade do comportamento dos observados.

De facto, coloca-se a questão, em que medida o observador participante, estabelece diferença entre espectador e actor, este último com participação total. Questionamo-nos sobre o que é ser participante, numa perspectiva de inserção no grupo, uma vez que o observador deve ser capaz de compreender o processo e descrever essa experiência para outros, “exteriores” ao grupo.

O grau de participação pode ou deve mesmo ser “negociado”, de modo a adoptar-se o que proporcione dados mais significativos tendo em conta a natureza da questão de estudo, as características dos participantes e o contexto em que ocorre.

Muitas vezes o “saber cultural” é comunicado numa linguagem de tal modo directa que podemos fazer inferências com alguma facilidade. (Spradley, 1980) e isso é exemplificável quando a observação incide num grupo profissional com características muito específicas. Contudo há também que ter em atenção, que os participantes têm todo um saber tácito, que frequentemente se comunica em expressões não directas ou numa linguagem não verbal. Isso exige do investigador grande capacidade de escuta e de observação dos comportamentos, que fica facilitada quando o investigador pertence a essa mesma cultura.

Para Amendoeira (1999), na observação participante, o investigador é o principal instrumento da investigação, sendo uma clara vantagem, dada a possibilidade de estar disponível para colher dados ricos e pormenorizados, através da observação de contextos naturais e nos quais é possível ter acesso aos conceitos que são usados no dia-a-dia, por se conhecer a linguagem dos intervenientes.

Outro aspecto a ponderar é a definição ou estimativa do tempo que o investigador pode prever para o período de observação em campo, uma vez que há uma estreita relação com as possibilidades do contexto de estudo, a qualidade e saturação dos dados recolhidos, em resposta aos objectivos definidos no início.

referimos que, na observação participante o observador permanece no seio do grupo que estuda, observa de modo espontâneo, como espectador, embora mobilizando a informação na condução do seu olhar. Esta é uma observação descritiva, simples, distinta da sistematizada e da focalizada, que é utilizada também em estudos exploratórios, no levantamento de elementos para a melhor definição do problema a estudar e/ou na construção da questão de investigação

REFLEXÃO DECORRENTE DA EXPERIÊNCIA DA AUTORA

A observação participante, desenvolvida segundo as etapas propostas por Spradley, foi para nós uma opção metodológica, aliada à técnica de entrevista semi - estruturada e de análise documental, dado o estudo que estamos a desenvolver e que visa compreender o processo de construção de competências dos Enfermeiros em UCI.

Tendo obtido a autorização junto do Conselho de Administração da instituição, assim como o parecer favorável da Comissão de Ética do Hospital, efectuámos uma reunião com os responsáveis de serviço, director de serviço e enfermeiro chefe, para apresentação pessoal, do projecto de trabalho e escutar sugestões e apreciar a receptividade ao estudo que nos propúnhamos realizar, assim como mostrar disponibilidade para eventuais questões que necessitassem clarificar. Sentimos ter sido importante e facilitador para o momento inicial da nossa presença como observadora, pois quando iniciámos percebemos

que a informação tinha sido transmitida á restante equipa o que facilitou o acolhimento.

Efectuámos também uma reunião de serviço, tendo sido convidados todos os enfermeiros, em carta endereçada individualmente, onde sumariamente se expunham os objectivos da reunião e se solicitava a sua presença e colaboração. Procurámos utilizar uma abordagem pouco expositiva, menos centrada em nós, dinâmica e interactiva e assim apresentámos o projecto enquadrando a questão de estudo, objectivos e metodologia que pretendíamos utilizar. Deixámos espaço a questões, que surgiram e que procurámos clarificar. Sentimos uma atitude franca, de interesse, e desde logo os enfermeiros presentes manifestaram-se agradados em ser participantes no estudo, rubricando a declaração de consentimento, o que nos parece ter sido muito importante para as etapas seguintes.

Desde o 1º momento, impunha-se encontrar algumas respostas para questões tácitas: como/onde nos colocaríamos? Que atitude poderíamos adoptar? Como desenvolver uma estratégia assertiva, mantendo coerência com a metodologia preconizada? Como redigir as notas de campo, no próprio local?

As leituras e reflexão prévias, sendo muito importantes, não retiram alguns constrangimentos concretos que se nos colocaram, nomeadamente com o local onde é possível ver e ouvir melhor, sem o desconforto da sensação de intrusão.

Não é fácil manter uma atitude *reservada* quando nos pedem para opinar sobre uma ou outra situação que ocorre no momento, o que por vezes pode requerer do observador algum distanciamento.

Há ainda que decidir quando tomamos notas e onde, porque a *riqueza dos diversos momentos* não é fidedignamente retida e optámos assim por manter connosco o “caderno de campo”, essencial para a posterior elaboração das notas de campo, essas já em extensão.

Alertamos para a necessidade de trazer connosco os objectivos do estudo, pois há momentos em que tudo nos parece essencial para anotar e isso facilita-nos o *recentrar* no objectivo, reduzindo a dispersão. Essa foi uma importante orientação metodológica que recebemos e transmitimos.

Os aspectos relacionados com a definição dos momentos e a duração destes, tem de facto de ser feito com grande flexibilidade, pois foi necessário para nós rever a definição dos momentos que tínhamos considerado que seriam essenciais para efectuar observação. Referimo-nos a momentos como a admissão de um doente, os cuidados de conforto ou o acolhimento do familiar, como exemplo.

Face aos objectivos de estudo, foi importante limitar previamente a duração máxima de cada momento de observação, pois para além de um determinado período em permanência na unidade de cuidados, notava redução na capacidade de observar a riqueza das situações e das intervenções.

Outro aspecto prende-se com o grau de participação e de interacção observador/participante, para o que não pode haver “receita” mas, adequação a pessoas e situações. A presença física do observador permitiu efectivamente uma certa familiaridade, que em si é facilitadora para a compreensão da cultura específica e própria do grupo em observação. Acresce que a partilha de momentos informais, de convivência, se revelou rica em significado para a compreensão dos comportamentos e interacções que observámos.

A necessidade de *treinar, clarificar, estudar, reflectir*, desenvolvendo e recolhendo mais informação sobre o nosso papel enquanto observador, foi bastante sentida, como é aliás referido por autores como (Spradley,1980; Mulhall,2002).

A observação, depois da primeira etapa, de natureza descritiva, privilegiou “momentos-chave” como a admissão do doente, os cuidados de higiene e conforto, intervenções terapêuticas, o momento de passagem de turno, o acompanhamento no transporte intra-hospitalar do doente, a interacção com a família e entre a equipa de enfermagem e pluridisciplinar. São momentos chave porque se nos impuseram, emergiram da observação precedente e foram sentidos como essenciais, permitindo-nos a interpretação a partir não só do conhecimento, mas da vivência dessas mesmas situações.

Em relação ao “tomar notas”, também sentimos necessidade de alterar o processo, e fizemo-lo muito em função de algumas reacções dos participantes que podemos observar e que apreciamos e da atenção que demos ao nosso sentir. Houve momentos em que nos retirámos por instantes, por considerarmos pouco adequado efectuar os registos junto dos participantes, embora na maioria das situações o tivéssemos feito com naturalidade.

Achámos essencial efectuar notas de forma sistemática, embora estas numa fase inicial, sejam essencialmente descritivas, incluindo data, hora, dados relativos aos doentes em sala, código atribuído

aos participantes presentes com o objectivo de proporcionar um retrato detalhado de cada situação que observávamos e relatávamos.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), devemos incluir descrições físicas, descrições de situação, detalhes de conversação e relatos de acontecimentos. Usámos frequentemente a descrição dos diálogos, procurando fazê-la utilizando palavras dos próprios sujeitos participantes do estudo, o que consideramos constituir o percurso necessário para fazer caminho e poder “olhar” num momento seguinte, num modo mais compreensivo a cultura envolvente que não cabe em protocolos de actuação.

Não podemos deixar de referir a importância dos Memos, porque muitas vezes, quase sempre, após abandonar fisicamente o campo e para além do momento de registos expandidos, que tem de ser muito próximo a fim de correr menos risco de perda de qualidade no pormenor retido na memória e que necessitamos rever para o registo, assim como a não interferência de outras vivências pessoais que poderão igualmente interferir, continuamos reflectindo em torno do que experienciámos na observação, na tentativa de explicar, para além do descrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O investigador está desde o início a ser observado, daí também a absoluta necessidade de construir uma base de confiança e empatia indispensável a uma desejada flexibilidade nos momentos de observação. Os diversos autores recomendam no entanto disciplina durante a fase de desenvolvimento da observação, realização de sínteses na medida em que o trabalho de campo se desenvolve (Morse, 2007:46).

Na verdade, um dos aspectos mais frequentemente colocados diz respeito á subjectividade do investigador dado que, sendo ele próprio um instrumento essencial, é necessário que experiencie a imersão no grupo, com envolvimento com os participantes. Daí a necessidade de que este tenha clara identificação dos seus pressupostos e valores e se mantenha atento, registando e descrevendo quaisquer alterações que ocorram durante o período de observação.

A Observação enquanto técnica exige treino disciplinado, preparação cuidada e conjuga alguns atributos indispensáveis ao observador-investigador, tais como atenção, sensibilidade e paciência. Tem por referência o(s) objectivo(s), favorecendo uma abordagem indutiva, com natural redução de “pré-concepções”. A possibilidade de vir a clarificar aspectos observados e anotados em posterior entrevista e em observações mais focalizadas, constitui um ganho excepcional face a outras técnicas de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBARELO, Luc et al (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.

AMENDOEIRA, J (1999). *A formação em enfermagem. Que conhecimentos? Que contextos?. Um estudo etnosociológico*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova. Mimeografia (não publicada).

BOGDAN, R; TAYLOR, S (1975). *Introduction to qualitative research methods: a phenomenological approach to the social sciences*. New York. J. Wiley.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.(1994). *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora, Lda.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (1994). *Handbook of qualitative Research*. London. SAGE Publications.

LAPASSADE, G. (2001). *L'Observation participante*. *Revista Europeia de Etnografia de Educação*, 1, 9-26.

LEININGER, M. (1995). *Qualitative research methods in Nursing*. Orlando. Grune & Stratton

LEININGER, M. (1991). *Culture Care. Diversity & Universality: a Theory of Nursing*. New York. National League for Nursing Press.

MELEIS, Afaf I. (1991). *Theoretical Nursing: development and progress*. 2º ed. LIPPINCOTT Company. Califórnia.

A observação participante
enquanto técnica de
investigação

MORSE, Janice (2007). Aspectos Essenciais de metodologia de Investigação Qualitativa. Coimbra. Formasau.

MULHALL, Anne (2002). Nursing research and nursing practice: an exploration of two different cultures. *Intensive and Critical Care Nursing*, 18, 48-55.

SPRADLEY, James P. (1980). Participant Observation. Orlando- Florida. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers

Contacto:
conceicao.correia@esenf.ipbeja.pt